



Contenção e coesão

A produção nacional voltou com outro contrabaixista. Não um veterano, mas um “maçarico”: Hugo Carvalhais, que no ano passado editou o celebrado “Nebulosa”, fez acompanhar o seu trio luso pelo saxofonista soprano francês Émile Parisien. A prestação do grupo ficou marcada pela contenção. Este projecto não precisa de estardalhaço para se fazer notar, aposta num som próprio, desenvolvendo a sua criatividade sem fogo-de-artifício.

Também com bons solos, Carvalhais combinou-se regra geral com a bateria precisa e constantemente criativa de Mário Costa, deixando o piano de Gabriel Pinto num plano mais discreto – sempre com os três músicos num permanente equilíbrio de comunicação. Menos interessante estive Parisien e ficámos mesmo com vontade de ver o trio sem convidados, apenas concentrado na sua essência. (N.C.)

Por último, apresentou-se o Lisbon Underground Music Ensemble. O repertório foi ainda o do disco de estreia lançado em 2010, mas com algumas variantes e o retorno de André Sousa Machado ao banco da bateria. Não tendo realizado neste regresso ao palco a sua melhor prestação pública ao longo do ano que passou, a singular “big band” de Marco Barroso teve nos solos em saxofone tenor de José Menezes, um deles absoluto e verdadeiramente brilhante, o seu maior atractivo. Se outro momento alto foi uma retumbante intervenção igualmente sem acompanhamento, ao piano, do líder, é de referir também o nível de coesão conseguido pelo “tutti” da orquestra na segunda metade do concerto, mostrando-nos que neste momento o LUME é uma máquina bem oleada e preparada para os próximos voos que vierem. (R.E.P.) ●

ÉMILE PARISIEN e HUGO CARVALHAIS

JOSÉ MENEZES

